

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

**A PERSISTÊNCIA BOLSONARISTA - O QUE UNE OS APOIADORES DE  
BOLSONARO AO SEU LÍDER?**

Matheus Tancredo Toledo

Trabalho preparado para apresentação no XIV Seminário Discente da Pós Graduação  
em Ciência Política da USP, de 23 a 27 de setembro de 2024

**São Paulo**

**2024**

## RESUMO

A pesquisa tem como objeto o persistente apoio de parte da população brasileira ao ex-presidente Jair Bolsonaro, tendo como unidade de análise eleitores e eleitoras de renda baixa e média-baixa do Rio de Janeiro, sem vínculos orgânicos com o partido do ex-presidente ou organizações da sociedade civil vinculadas a Bolsonaro, com alto grau de alinhamento autodeclarado com Bolsonaro, feitas em grupos focais em julho de 2022, período final da pré-campanha eleitoral. A pesquisa busca aprofundar a compreensão sobre o alto grau de identificação com este universo político, nos segmentos em que a pesquisa permite olhar (homens, mulheres, religiões diversas, faixas etárias, etc), detalhar os mecanismos de disseminação de narrativas e conteúdos que alimentam o repertório político desses eleitores e compreender como o bolsonarismo penetra nas classes populares do Rio de Janeiro, e quais partes deste fenômeno podem ampliar a compreensão sobre o apoio popular ao ex-presidente no Brasil – fonte de sua competitividade eleitoral e possível permanência como fenômeno político na cena nacional. Esse persistente apoio traduziu-se em um grau considerável de popularidade governamental mesmo nos períodos em que tais índices alcançaram seus patamares mínimos, e em alta competitividade eleitoral no pleito de 2022. Objetiva-se, portanto, atualizar a compreensão sobre o fenômeno do voto de direita no Brasil nos novos termos que ele se coloca: alinhado ao bolsonarismo e à sua agenda.

Palavras-chave: Bolsonarismo; conservadorismo popular; comportamento eleitoral;

## INTRODUÇÃO

A presença de um contingente considerável do eleitorado brasileiro alinhado à direita não é objeto inédito na ciência política ou nas ciências sociais. Estudos buscaram compreender o voto de direita durante o período de redemocratização e nos primeiros pleitos pós-88 (Pierucci, 1988; Kinzo, 1993; Singer, 2000; Limongi, 2008; Rocha, 2012), e a literatura recente tem se esforçado em entender a ascensão de uma ‘nova direita’ no Brasil, desde o ciclo de protestos conservadores iniciado durante junho de 2013 e que desembocaram nas mobilizações pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015 e 2016 (Tatagiba et. al., 2015; Telles, 2015; Messenberg, 2017; Singer, 2018; Rocha, 2019;). Além disso, o papel das predisposições ideológicas e valorativas na formação de preferências de cidadãos e eleitores é tema fartamente abordado na literatura sobre comportamento eleitoral (Campbell, 1960; Niemi & Weisberg, 1984; Wattenberg, 1991; Mettenheim, 1995; Miller e Shanks, 1996; Downs, 2013).

Da mesma forma, a ascensão de lideranças de extrema-direita ao redor do mundo nas últimas décadas foi e é objeto de estudo a nível global (Norris, 2005; Mouffe, 2005; Norris e Inglehart, 2017; Levitsky e Ziblatt, 2018) e nacional, na busca de compreender as raízes do fenômeno, especialmente, no caso brasileiro, após a ascensão e vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 (Rocha, 2018; Pinheiro-Machado e Scalco, 2018; Solano, 2018; Miguel, 2018; Nicolau, 2020;). Desde então, esforços têm sido empreendidos para compreender no que consiste o ‘bolsonarismo’ e sua base de apoio, capaz de mobilizar milhares nas ruas e conquistar a preferência de uma parcela significativa, majoritária em 2018 e quase majoritária em 2022, dos eleitores. Diversos estudos foram produzidos nos últimos anos, buscando compreender o bolsonarismo em suas diferentes esferas: os atores políticos que o compõem, e que ascenderam ao governo com o início do mandato em 2019, e investigações que buscaram compreender as facetas das parcelas da população que forneceram suporte popular e apoio ao presidente da República (Kalil, 2018; Rocha e Solano, 2020; Singer, 2021; Veiga, 2021; Meneguello, 2021; Barbosa 2021; Barbosa 2021; Rocha e Solano, 2021; De Paula et. al., 2021; Singer, 2023).

Enquanto esteve no governo, foi notória uma persistente presença de uma base sólida de apoio mesmo nos piores momentos da crise econômica e sanitária, agravada e desencadeada, respectivamente, pela pandemia do COVID-19. No final de 2021, por exemplo, em cenário de alta inflação e crise econômica, o governo Bolsonaro ainda era

considerado ótimo ou bom para 22% do eleitorado<sup>1</sup> – o pior índice desde que Bolsonaro assumiu o comando do Planalto. No último trimestre daquele ano, em outubro, as mortes pela pandemia já haviam ultrapassado a casa dos 600 mil. Ainda sim, Bolsonaro contava com as intenções de voto de 22% dos brasileiros segundo o mesmo levantamento. Ou seja, cerca de 1 a cada 5 brasileiros considerava reeleger o presidente naquele momento. Vale lembrar que os governos de seus dois antecessores, Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB), tiveram aprovação de menos de dois dígitos nos momentos de maior impopularidade de seus governos.

Meses depois, no pleito de 2022, Bolsonaro recebeu 51.072.345 votos no primeiro turno das eleições presidenciais (43,2% dos votos válidos e 32,64% dos votos totais) e 58.206.354 votos no segundo turno (49,10% dos votos válidos e 37,2% dos votos totais), ficando a pouco mais de 2 milhões de votos atrás do primeiro colocado, Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar da derrota eleitoral, a evidente força do apoio a Bolsonaro por pouco não lhe garantiu mais um mandato.

Este trabalho, apresentado ao Seminário Discente do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, apresenta a pesquisa em andamento para elaboração de Tese de Doutorado em Ciência Política. Seu objeto é o persistente apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, a ser estudado por meio de dados qualitativos, tendo como unidade de análise eleitores e eleitoras com alto grau de identificação com Bolsonaro, autodeclarada.

Como fundamento empírico, utilizarei entrevistas com apoiadores e apoiadoras do presidente Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro, de renda familiar mensal baixa (até 2 salários mínimos) e média-baixa (de 2 a 5 salários mínimos) sem vínculos orgânicos com o partido do ex-presidente ou organizações da sociedade civil vinculadas a Bolsonaro (portanto, ‘eleitores bolsonaristas médios’, não ativistas<sup>2</sup>), com alto grau de alinhamento autodeclarado com Bolsonaro (é bolsonarista/gosta de Bolsonaro/gostaria que ele vencesse as eleições de 2022), feitas em *focus groups* em pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo<sup>3</sup> em julho de 2022, no período final da pré-campanha eleitoral. O banco de dados em toda sua totalidade

---

<sup>1</sup> REPROVAÇÃO A GOVERNO BOLSONARO FICA ESTÁVEL, EM 53%. Datafolha, São Paulo, 17 de dezembro de 2021. Opinião e sociedade. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/12/reprovacao-a-governo-bolsonaro-fica-estavel-em-53.shtml>> (Acesso em 01 de novembro de 2022)

<sup>2</sup> Distinguindo-se, neste aspecto, dos estudos históricos do ‘conservadorismo popular’ de Pierucci (Op. Cit.).

<sup>3</sup> A Fundação Perseu Abramo foi instituída em maio de 1996 pelo diretório nacional do Partido dos Trabalhadores para reunir, organizar e divulgar dados, debates e reflexões sobre a política brasileira.

foi cedido pela instituição para a realização da pesquisa aqui proposta<sup>4</sup>. Por meio desse montante de dados qualitativos espera-se compreender a raiz desta persistente adesão e alinhamento político, talvez ideológico.

A pesquisa pretende resolver o seguinte quebra-cabeça e responder à seguinte pergunta: quais pilares sustentam esse persistente apoio político e eleitoral de uma parcela da população que é fortemente alinhada a Bolsonaro e ao bolsonarismo? Por que esse apoio não foi abalado durante os quatro anos de mandato do presidente da República, a despeito de inúmeras crises e turbulências severas? Quais predisposições de longo prazo, valores e visões de mundo do eleitorado alinhado ao bolsonarismo podem explicar tamanho alinhamento e coesão? Quais potenciais sobre o apoio de bolsonaristas em tal ocasião podem apontar para os rumos do alinhamento de eleitores a este polo político daqui em diante?

O percurso proposto neste trabalho passa por apresentar o estágio da revisão bibliográfica realizada até então, que abarca parte da literatura sobre comportamento eleitoral, com enfoque no papel das predisposições ideológicas na tomada de decisões do eleitor, pela bibliografia que tratou do tema para compreender o voto de direita no Brasil nos anos 1980 e 90, e, por fim, nas contribuições mais recentes acerca do comportamento político deste polo da sociedade, especialmente no Brasil, desde o início dos anos de 2010. Ainda, explora brevemente as análises preliminares dos dados dos grupos focais – que serão o objeto principal a ser apresentado para o Exame de Qualificação, no primeiro trimestre de 2025.

## **1. O PAPEL DE PREDISPOSIÇÕES IDEOLÓGICAS NO COMPORTAMENTO POLÍTICO E ELEITORAL<sup>5</sup>**

Há farta contribuição da literatura internacional e brasileira acerca do papel das predisposições ideológicas na tomada de decisão do eleitor e na formação de preferências políticas. A bibliografia sobre comportamento eleitoral e as diferentes escolas de pensamento

---

<sup>4</sup> Como analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da Fundação Perseu Abramo compoñho a equipe que formulou e executou as duas fases do projeto ‘Cultura Política’ realizadas em 2021 e 2022. Meu trabalho envolveu, junto com a direção, coordenação e equipe, o planejamento das pesquisas, formulação de objetivos, da metodologia, dos roteiros semiestruturados, planejamento e acompanhamento do campo e análise de todo o material.

<sup>5</sup> Para a Tese, pretende-se também incluir revisão e discussão teórica e bibliográfica sobre aspectos infra e superestruturais do desenvolvimento do capitalismo mundial que propiciaram a ascensão da extrema-direita aqui e no mundo, o que considera-se pertinente à formação de cultura política e comportamento eleitoral – incluindo discussões sobre o constante sentimento de ‘perdedores’ do capitalismo já verificado em etapas anteriores de seu desenvolvimento, perspectivas de longa duração sobre as crises da democracia, linhas de continuidade entre rupturas e riscos à democracia brasileira desde 1964 e outras discussões desenvolvida preliminarmente em outros materiais já elaborados – mas desconsiderados para esta versão do trabalho a ser apresentado.

sobre como os eleitores tomam sua decisão nas urnas abordaram tal questão com bastante detalhamento.

Há contribuição notória da escola comportamentalista de Michigan. Warren E. Miller e J. Merrill Shanks (1996), revisitando e aperfeiçoando a contribuição do *The American Voter* de Angus Campbell et al. (1960), apontam que há relação intrínseca entre as dimensões sociais, psicológicas e políticas da vida dos indivíduos e seu comportamento eleitoral (Miller e Shanks, 1996, p.213). Tal interpretação sociopsicológica também vincula os efeitos de uma dada característica social com o papel da ativação de uma variedade de predisposições de longo prazo dos eleitores com tal característica, incluindo preferências e percepções que esses possuam. Em revisão do tema, Niemi e Weisberg, em *Controversies in Voting Behaviour*, apontam que desde Campbell et. al (1960.) se avançou na discussão sobre o papel do nível do pensamento ideológico dos eleitores para a formação de tais predisposições. Se Campbell havia apontado que pouquíssimos eleitores poderiam ser considerados ideológicos – consequência de uma mensuração excessivamente rigorosa, Niemi e Weisberg (1984) demonstram um aumento do papel da ideologia (que nunca é exclusivamente importante) para um contingente do eleitorado americano dos anos 1950 aos 70, indicando que este papel varia ao longo do tempo.

Se Campbell havia percebido na identificação partidária um forte componente explicativo do comportamento eleitoral, uma predisposição central a ser considerada, Martin P. Wattenberg, em *The Rise of Candidate-Centered Politics* (Wattenberg, 1991), demonstra que apesar da contribuição da escola comportamentalista em apontar o papel da identificação partidária na tomada de decisão do indivíduo, em um contexto em que a política tornou-se cada vez mais centrada em candidatos, no contexto norte americano (e o autor aponta a Era Reagan como um demonstrativo desse contexto), fatores econômicos e sociológicos se tornaram cruciais para modular o voto presidencial.

Assim, o autor defende que não há uma única teoria do voto que seja melhor para dar conta do padrão de comportamento eleitoral dos Estados Unidos nas décadas que antecedem o estudo, e defende que a contribuição da teoria do voto econômico e da escolha racional, de Anthony Downs, deve ser considerada. Wattenberg propõe um ponto de encontro entre as teorias: características sociológicas levam a predisposições ideológicas que impactam na avaliação de desempenho dos candidatos, e os fatores conjuntamente compõem a decisão do voto.

Do ponto de vista do papel da ideologia, Downs afirma em *Uma Teoria Econômica da Democracia* (Downs, 2013) que eleitores racionais também podem decidir como votar com base em suas ideologias, destacando também o papel destas na disputa do poder pelos partidos e na obtenção de votos. Em *The Brazilian Voter*, de Kurt von Mettenheim, o papel da auto identificação ideológica e da avaliação racional da performance do Executivo também se faz presente, em um contexto desenhado pelo autor, sobre o caráter fortemente plebiscitário das eleições brasileiras entre 1974 e 1986.

Em relação ao comportamento eleitoral e político, uma série de estudos buscaram compreender o comportamento dos brasileiros nos anos 1980 e 1990. Alguns deles buscaram compreender o voto de direita, pertinentes à discussão proposta.

Para compreender o peso do voto ideológico nas eleições presidenciais de 1989 e 1994, André Singer (2000) demonstra, em *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*, o papel das predisposições de longo prazo na decisão dos eleitores naqueles pleitos. O autor aponta que o voto esteve associado à identificação ideológica do eleitor em ambos os pleitos (SINGER, 2000, p. 129). Apesar da maior parte dos eleitores não demonstrarem compreensão acerca do conteúdo de tal identificação ideológica, na distinção do que é esquerda e direita, por exemplo, Singer demonstra que ela compõe as predisposições de longo prazo, juntamente com a questão de renda, escolaridade e identificação partidária. Nas de curto prazo, a avaliação do desempenho econômico dos governantes ganha destaque.

Maria D’Alva Kinzo (1993), aponta o fator ‘ideologia’ como importante no segundo turno daquele pleito. Os ataques do então candidato Fernando Collor à orientação de esquerda do então candidato Lula indicaram uma polarização ideológica, e o posicionamento em relação a ela teria um papel considerável na decisão dos eleitores (KINZO, 1993, p. 317). A autora demonstra que a presença de valores conservadores e tradicionais de parcela dos eleitores da cidade estudada, Presidente Prudente (no interior de São Paulo) desempenhou um papel na definição de seus posicionamentos e decisões.

Fernando Limongi e Lara Mesquita (2008), em análise sobre as eleições na cidade de São Paulo pós-redemocratização apontam que “os três polos clássicos do espectro ideológico — direita, centro e esquerda — mostraram ao longo de décadas sua viabilidade eleitoral na cidade. Isto é, os três polos contavam com uma base de apoio que lhes permite pleitear com sucesso a cadeira de prefeito” (LIMONGI e MESQUITA, 2008, p.50). Os autores

demonstram que há “força e consistência” (LIMONGI E MESQUISA, 2008, p.54) do voto de direita na cidade no período estudado.

A existência de um eleitorado de direita na capital também foi objeto de investigação de Pierucci (1988, 1990). O autor demonstra que os bolsões territoriais de alta votação nos candidatos deste campo nas eleições municipais de 1985 (Jânio Quadros) e estaduais de 1986 (Paulo Maluf), eram localizados nas zonas intermediárias da cidade (entre o centro e a periferia), em especial na parte menos pobre da Zona Leste e Zona Norte (em bairros como Mooca, Tatuapé, Vila Maria, etc). O autor classifica o eleitor como de perfil autoritário, moralista e conservador. Em revisão bibliográfica, Rocha (2013) aponta que esses moradores de “antigos bairros operários” pertencem às “camadas médias e médias-baixas em termos de rendimentos”, e votam em “candidatos conservadores, mas ligados a uma direita-popular” (ROCHA, 2013, p. 275).

Tais estudos mencionados convergem num aspecto destacado por Rennó (2013), que demonstra que muitos autores se dedicaram a compreender a importância de “valores, sentimentos, crenças e conhecimentos na explicação do comportamento político” (RENNÓ, 1998, p.71). Para o autor: “quando ligada diretamente ao comportamento político do cidadão, a esfera cultural constitui um instrumento relevante de análise da realidade política.” (RENNÓ, 1998, p.88)

Predisposições como ideologia, valores e crenças têm grande peso para compreender o alinhamento de uma parcela do eleitorado, e conseqüentemente da sociedade, a este ou àquele pólo do espectro político. Para entender o bolsonarismo e o alinhamento de um contingente significativo da população e do eleitorado à Jair Bolsonaro, compreender tais predisposições desses indivíduos mostra-se um caminho fundamental.

## **2. AS NOVAS DIREITAS E O BOLSONARISMO.**

A ascensão de lideranças consideradas de ‘extrema-direita’ ou de uma ‘nova direita’ em diversos países ao redor do mundo nas últimas décadas trouxe uma retomada deste campo de estudo, à medida que as direitas tornaram-se um desafio para a pesquisa social, com temporalidades distintas mas recentes entre os países. Em 2005, por exemplo, a base social do apoio à ‘direita radical’ foi mapeada por Pipa Norris, que demonstrou sobre representação desta entre os homens e no estrato de renda classificado pela autora como pequena burguesia (Norris, 2005).

No mesmo ano, o ‘populismo de direita’ foi definido por Chantal Mouffe como um discurso que mobilizava o “nós contra eles” para opor ‘o povo’ ao *establishment*, cuja ascensão é reflexo de um sistema democrático pasteurizado e ‘pouco vibrante’ (MOUFFE, 2005, p.70). O caso austríaco, de crescimento do Partido da Liberdade da Áustria, segundo maior do país em 1999, foi destacado pela autora: o partido se organizou sob o mote discursivo que apontava uma disputa entre um “nós” composto pelos “austríacos de bem” contra um “eles” composto de “partidos no poder, sindicatos, burocratas estrangeiros, intelectuais de esquerda e artistas” (MOUFFE, 2005, p.66).

Na década seguinte, a agenda ganharia ainda mais força com a vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas em 2016. A ascensão de um ‘autoritarismo populista’ encontrou seu auge com a ascensão de partidos que canalizavam uma espécie de retaliação ao avanço de valores “pós-materialistas” (Norris e Inglehart, 2017) na sociedade, nos termos dos autores, responsável pelo avanço da agenda ambientalista, pacifista, de direitos humanos, a agenda de igualdade de gênero e de democratização nas última décadas.

Análises apontaram também, ao abordar o fenômeno *trumpista*, para um processo de aumento da intolerância e animosidade partidária a partir da eleição de Barack Obama em 2008, de desintegração de tradições das instituições democráticas americanas e de um discurso que divide os norte americanos entre os ‘verdadeiros’ (alinhados a Donald Trump) e os ‘não-verdadeiros’ (Levitsky e Ziblatt, 2018).

No Brasil, a discussão se intensificou a partir dos protestos de Junho de 2013. Houve um processo de emergência de um conjunto de atores (Tatagiba et. al., 2015), de 2007 (com a criação do movimento *Cansei!*), passando por determinado momento das manifestações de 2013, às manifestações contra a eleição de Dilma Rousseff em 2014 e as que pediram seu impeachment a partir de 2015. Neste processo, a “face direita” de junho de 2013 (SINGER, 2018, p.103) torna-se um marco na mobilização de um “antilulismo de massa” que teria papel crucial na derrubada de Dilma em 2016. Camila Rocha utiliza o termo ‘contrapúblico ultraliberal’ (Rocha, 2019) para descrever o processo de formação de um grupo de interesse que surgiu na internet e se institucionalizou, liderando protestos a favor do impeachment de Dilma.

Nessas manifestações ocorridas entre 2015 e 2016, a presença de camadas sensíveis ao pensamento de direita, incluindo indivíduos autoritários é destacada por Telles (2015), que ainda aponta a potencial emergência de lideranças *outsiders* com discurso radical que

mobilizem essa parcela da população. Neste contexto, Messenberg (2017) destaca formadores de opinião que tornaram-se nomes mais conhecidos da política nacional após 2018, entre eles o de Jair Messias Bolsonaro.

A emergência de Bolsonaro como liderança dessa parcela da população foi notada em estudos feitos antes e durante o pleito presidencial de 2018. Rocha (2018) destaca que as intenções de voto na casa de 20% eram um fato destacável, considerando que bolsonaristas possuíam recursos inferiores aos de outros concorrentes de direita mais bem financiados. Em estudo qualitativo feito durante o pleito de 2018, Pinheiro-Machado e Scalco (2018) demonstram que entre jovens, adolescentes e adultos do sexo masculino da periferia de Porto Alegre, havia uma adesão a Bolsonaro pautada nas questões de gênero, segurança pública, entre outras. Solano (2018) alerta para um possível processo de “bolsonarização” (SOLANO, 2018, p.10), devido à alta penetração de suas ideias entre parcela do eleitorado, uma direita com “bases políticas e sociais sólidas” (SOLANO, 2018, p.26)

Com a chegada de Bolsonaro ao governo, após a já mencionada vitória eleitoral no pleito presidencial de 2018, estudos voltaram a compreender o fenômeno que emergia agora como base de apoio de um governo. Segundo Nicolau (2020), “a vitória de Bolsonaro é o feito mais importante da história das eleições brasileiras” (NICOLAU, 2020, p.11). Uma pujante vitória eleitoral de um candidato sob o qual recaía a expectativa, segundo o autor, de somente concentrar uma pequena parte do eleitorado de extrema-direita que votava no PSDB por falta de opção. O autor aponta, entre os aspectos que ajudam a definir a base eleitoral de Bolsonaro, uma prevalência no eleitorado masculino, o voto evangélico e o antipetismo, entre outros fatores.

Miguel (2018), aponta que a direita nunca deixou de estar presente na política brasileira, como também demonstrado por literatura já referenciada aqui, e que Bolsonaro mobilizou predisposições de parcela do eleitorado brasileiro. Singer (2021) trabalha com chaves analíticas parecidas, demonstrando por meio de dados sobre auto identificação ideológica que a predisposição à direita é um fator de longo prazo de parcela do eleitorado brasileiro. O lulismo, pelo seu caráter desmobilizador (Singer, 2012), teria desativado tais predisposições, reativadas a partir do início da década de 2010. Ainda destaca que se as classes médias haviam sido mobilizadas para derrubar Dilma, Bolsonaro avançou sobre o conservadorismo popular (nos termos de Pierucci), cujo volume, pelo tamanho da base da pirâmide social brasileira, garantiu sua eleição em 2018.

Com Bolsonaro governando, a composição do apoio popular ao governo passou a ser objeto de análise. Segundo Veiga (2021), houve correspondência entre preferências políticas de parcela dos brasileiros e ações e manifestações do presidente da República ao longo dos dois primeiros anos de mandato. A autora demonstra correlações positivas entre concordar com pautas governamentais em diversas esferas (a reforma da previdência, o pacote anti crime, a reação de Bolsonaro ao presidente francês Emmanuel Macron<sup>6</sup>, entre outras) e aprovar o governo.

Meneguello (2021) destaca que Bolsonaro possuiria uma porcentagem de apoiadores cativos na ordem de 30% da população, uma parcela significativa que compartilha seus valores, visão da política, das instituições e que concorda com sua forma de governar. A autora aponta que há evidências da “existência de bases de apoio a um presidente autoritário” (MENEGUELLO, 2021, p. 506).

Como mencionado na primeira seção, Bolsonaro em nenhum momento chegou a ter menos de um quinto da população o apoiando. Frente às crises políticas que o antecederam, que levaram a popularidade de Dilma e Temer a menos de 10% da população, a persistência do apoio bolsonarista saltou aos olhos. Afinal, no governo Bolsonaro tivemos severa crise sanitária e econômica, denúncias de corrupção contra o presidente e seus filhos foram frequentes nas manchetes dos jornais, escândalos dentro do governo não foram coisa rara. Afinal, por que nada disso abalou essa parcela da população? Este é o quebra-cabeça que a pesquisa se propõe a desvendar.

Wattenberg (1991) fez referência, ao falar do apoio ao presidente Ronald Reagan, a um suposto “efeito teflon” – nada ‘colaria’ no então presidente norte americano. No contexto atual, o que é possível aventar sobre tal fenômeno? Singer (2022), comparando Bolsonaro com Trump, aponta que o ex-presidente norte americano tornou-se difusor de uma era “pós-factual”<sup>7</sup>, destacando o papel de teorias da conspiração, uso da imprensa e da comunidade científica/universitária como bodes expiatórios em meio a ofensiva contra estes, que desembocam em uma ‘pós-verdade’, que desconsidera fatos em benefícios de versões.

A bibliografia apresentada demonstra que há um caráter persistente no apoio de bolsonaristas a Bolsonaro, que pode estar relacionado com predisposições, valores e visões de

---

<sup>6</sup> Em 2019, Macron e Bolsonaro divergiram publicamente sobre a atuação do governo brasileiro na proteção da floresta amazônica. Na ocasião, o presidente brasileiro proferiu uma série de comentários misóginos acerca da esposa do presidente francês.

<sup>7</sup> Singer faz referência, aqui, a termo de elaboração de Wolfgang Streeck (2017)

mundo que tais indivíduos já possuíam – e que encontraram respaldo na ascensão do bolsonarismo na política nacional. Recentes estudos qualitativos sobre o bolsonarismo levantam questões expostas a seguir, algumas das quais essa pesquisa pretende responder.

Estudos qualitativos recentes com bolsonaristas foram realizados por meio de duas metodologias principais: discussões em grupo (grupos focais/focus groups) e entrevistas individuais semiestruturadas em profundidade. Já mencionamos alguns (Pinheiro-Machado e Scalco, 2018; Rocha, 2019), e nesta seção exploraremos mais referências.

Barbosa (2020) aponta, com base em entrevistas semiestruturadas em profundidade, que o antipetismo, o ressentimento com a corrupção, a perda de posição social por conta da ascensão dos mais pobres, a frustração com o apoio destes ao lulismo e o conservadorismo moral são bases do alinhamento de ativistas e militantes bolsonaristas a Bolsonaro. O autor demonstra que Bolsonaro possui alta votação, na capital paulistana, nos mesmos lugares detectados por Pierucci (1988) como base do janismo e do malufismo (territórios intermediários e menos pobres da Zona Leste e Norte de São Paulo) mas que desta vez parece haver um maior alinhamento entre liderança e base: “liderança e liderados parecem comungar dos mesmos ideais” (BARBOSA, 2020, p.19). Em outro artigo (Barbosa, 2021), adiciona a nostalgia do regime militar e a animação com a volta de militares ao governo, por nomeação de Bolsonaro, ao rol que compõe o alinhamento ideológico bolsonarista.

Kalil (2018), em pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo (por meio de entrevistas em profundidade, surveys e observação em redes sociais), destaca a ideia presente entre os apoiadores de Bolsonaro, de que há um cidadão de bem (bolsonarista) contra bandidos, corruptos e apoiadores de bandidos e corruptos.

Rocha e Solano (2020), em pesquisa feita com *minigrupos focais* durante o momento mais crítico do governo até então, o início da pandemia de COVID-19, apontam os bolsonaristas fiéis responsabilizavam o Congresso Nacional, governadores e a imprensa por supostamente dificultar a atuação presidencial. Em outra pesquisa, Rocha e Solano (2021), entrevistaram bolsonaristas menos radicais das classes C e D, reunindo mais elementos para o quebra-cabeça: Bolsonaro era visto pelos entrevistados como uma mudança, um *outsider*, capaz de fazer voltar um passado onde se vivia melhor – com segurança, economia estável e sem práticas imorais, relacionadas à população LGBTQIA+ e às feministas.

De Paula et. al. (2021), em 24 grupos focais, apontam que mesmo entre o eleitor fiel entrevistado, há forte adesão à democracia. Para eles, o que é visto como autoritarismo é a falta de liberdade de expressão, a violência e a opressão. O tom raivoso e autoritário de Bolsonaro era entendido como uma demonstração de autenticidade; Entre eleitores evangélicos, Bolsonaro carregava a missão divina de livrar o Brasil da corrupção e consertar a moralidade dos brasileiros. Os autores indicam, em suas conclusões, que os bolsonaristas são engajados em uma guerra de versões, em meio a um contexto de pós-verdade e negacionismo – fomentados pela confiança destes a fontes de informação que disseminam as versões bolsonaristas dos fatos (DE PAULA et. al., 2021, p.42. Tradução própria). Os autores também apontam a existência de um efeito teflon – nada negativo cola no presidente, entre seus apoiadores mais fiéis.

Recentemente, pesquisas de opinião pública confirmaram que mesmo saído do governo, o bolsonarismo mantém-se ativo e presente. Segundo pesquisa do Datafolha, de março de 2024, 31% dos brasileiros e brasileiras se declaram bolsonaristas – quando instados a escolher em uma escala de cinco pontos que varia de muito bolsonarista para muito petista. Ainda que a polarização influencie no resultado, ressalta-se que 24% do total da amostra se colocaram no ponto ‘mais bolsonarista’ da escala. Único instituto a testar um cenário eleitoral hipotético para 2026, reeditando a disputa de 2022, o Paraná Pesquisas indicou em levantamento divulgado no dia 24 de maio de 2024 que o ex-presidente (agora inelegível após decisão do TSE) teria 38,8% contra 36% de Lula. Os levantamentos indicam, ainda que seja necessário aprofundar tais leituras e ter a mão mais pesquisas para mensurar o bolsonarismo, que a polarização entre bolsonarismo e lulismo permanece firme e forte, com improbabilidade de distensionamento rumo à ascensão de nomes mais moderados, à direita, que coloquem a disputa política em termos menos críticos e ameaçadores à normalidade institucional do país.

Em 2021, a Fundação Perseu Abramo realizou entrevistas em profundidade semiestruturadas com indivíduos “não-polarizados”, isto é, que não eram simpatizantes do PT/petistas ou antipetistas/bolsonaristas – cujos dados, apesar de disponíveis, não serão aprofundados nem analisados na pesquisa em andamento. Com relatório público e acessível no site da instituição (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2022), intitulado “Cultura política: percepções e valores da população brasileira não-polarizada”, a amostra entrevistada possuía elementos valorativos conservadores e progressista muitas vezes contraditórios entre si. Por exemplo, haviam entrevistados que tinham ao mesmo tempo uma posição mais compreensiva

com a questão LGBTQIA+, mas que defendiam a prisão de mulheres que fizessem aborto. Ainda, alguns entrevistados demonstravam apoio ao casamento civil homossexual e até à adoção, mas rejeitavam a possibilidade de casais LGBTQIA+ demonstrarem qualquer tipo de afeto em público. Outros, apontavam a desigualdade racial ou de gênero como estruturais na sociedade brasileira, mas recusaram a ação afirmativa ou políticas de equiparação salarial como saídas.

Ainda, tinham posições bem definidas sobre as classes sociais brasileiras e as desigualdades estruturais (econômica, racial, gênero, etc.). Parte dos entrevistados, no entanto, relativiza a democracia –para estes, em algumas situações faz sentido algum grau de autoritarismo.

Ao comentar tais resultados, Avritzer (2022) aponta que “a defesa da democracia e relativização da ditadura podem existir” (AVRITZER, 2022, p. 130) nas opiniões de um mesmo indivíduo. Singer (2022), aponta que os achados dão pistas para compreender o conservadorismo popular, e que a parcela menos afeita à democracia é capaz de ao mesmo tempo valorizá-la e a relativizar.

A segunda fase do projeto, intitulada “Percepções e Valores da Sociedade Brasileira: O que Pensam Segmentos Alinhados ao Lulismo, Bolsonarismo e Não-Polarizados”, buscou avançar para a compreensão do que distingue três polos da sociedade, traçados como objeto de investigação. Por meio de perguntas em áreas temáticas, como Percepções sobre a Crise, Desigualdades no Brasil, Mundo do Trabalho, Percepções sobre Participação Social, Redes de Influência e Comunicação e Percepções sobre o PT e o futuro do Brasil, buscou-se traçar o que aproxima e o que distingue os três tipos ideais entrevistados.

Os grupos focais foram realizados em três cidades, cada uma com um perfil atitudinal traçado como ‘tipo ideal’ de cada um dos fenômenos: Bolsonaristas no Rio de Janeiro, Lulistas/Simpatizantes de Lula em Salvador e Não-Polarizados em São Paulo, entre a última semana de junho e a primeira de julho de 2022. A pesquisa em andamento se debruça sobre as entrevistas com bolsonaristas para detectar como as predisposições ideológicas e valores desses eleitores e dessas eleitoras são organizados e mobilizados dentro de sua identidade bolsonarista. Também pretende aprofundar o entendimento sobre em que consiste o alto grau de identificação com este universo político, nos segmentos em que a pesquisa permite olhar (homens, mulheres, religiões diversas, faixas etárias, etc), detalhar os mecanismos de disseminação de narrativas e conteúdos que alimentam o repertório político desses eleitores

em suas leituras acerca da conjuntura política e compreender como o bolsonarismo penetra nas classes populares do Rio de Janeiro, e quais partes deste fenômeno podem ampliar a compreensão do fenômeno no Brasil.

Parte-se da hipótese de que o bolsonarismo alinhou os eleitores por meio da reativação das predisposições ideológicas de uma considerável parcela do eleitorado brasileiro – que encontravam-se alinhados de forma muito menos estreita e mais dispersa a outros atores da arena eleitoral (especialmente as candidaturas presidenciais do PSDB pós-2006), e, além disso, constituiu-se como um fenômeno sólido, persistente e que possivelmente ‘veio pra ficar’. Isso resultaria do fato de tais predisposições, vinculadas a aspectos ideológicos e valorativos, se organizarem em um grau de coesão ideológica considerável, capazes de manter um apoio persistente desta parcela da população a Bolsonaro em um volume e persistência que demonstram que o bolsonarismo possui, respectivamente, alto grau de penetração nas classes populares (por seu volume) e pouco potencial de dissipação desse apoio entre outros atores da cena política brasileira (por sua persistência).

As faixas de renda familiar mensal estudadas, de até 2 salários mínimos e de 2 a 5 salários mínimos colocam a base de dados como concentrada na parcela mais popular do bolsonarismo, que compõe a base da pirâmide social brasileira e os setores intermediários-inferiores. Ainda que pesquisas de véspera de eleições indiquem que na base da pirâmide social o bolsonarismo não tenha maioria, ter desempenho relevante nesta camada (demograficamente majoritária) e ainda melhor na camada imediatamente superior de renda, propiciaram competitividade eleitoral relevante para este campo, capaz de chegar aos dois últimos segundos turnos presidenciais (vencendo um e perdendo outro). Considerando que tal penetração do bolsonarismo nas classes populares é responsável por massificar o apoio ao ex-presidente e ao seu universo político e que convencionou-se a olhar para o aspecto de classe média da nova direita no Brasil desde sua ascensão, a pesquisa pretende aprofundar a discussão sobre esta nova faceta do conservadorismo popular brasileiro e contribuir para avançar na compreensão deste aspecto de presença perene na vida política nacional.

Se os estudos paradigmáticos sobre conservadorismo popular na cidade de São Paulo, já mencionados, compreenderam ativistas de direita residentes em franjas da cidade que podemos considerar limítrofes ao centro expandido (como Mooca, Tatuapé, Santana) – e não o eleitor médio popular e de direita, os dados que a pesquisa objetiva olhar dizem respeito ao comportamento político e eleitoral de eleitores não-organizados, não-ativistas, de renda baixa

ou média-baixa que encontram-se em bairros como Pavuna, Santa Cruz, Oswaldo Cruz, Realengo, Bangu, Rocinha, Cidade de Deus – fora, portanto, da Zona Sul e Centro cariocas. São, portanto, o público alvo daqueles que pretendem capturar massivamente o voto de direita nas camadas populares do Rio de Janeiro. Pretende-se, portanto, atualizar a literatura sobre conservadorismo popular no Brasil buscando aprofundá-la. Ainda, espera-se contribuir para a compreensão sobre o fenômeno do voto de direita nos novos termos que ele se coloca: alinhado ao bolsonarismo e sua agenda.

### 3. DESENHO DE PESQUISA E METODOLOGIA

O material utilizado são grupos focais realizados com a participação de apoiadores e apoiadoras do presidente Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro, de renda familiar mensal baixa (até 2 salários mínimos) e média-baixa (de 2 a 5 salários mínimos) sem vínculos orgânicos com o partido do ex-presidente ou organizações da sociedade civil vinculadas a Bolsonaro (portanto, ‘eleitores bolsonaristas médios’, não ativistas), com alto grau de alinhamento autodeclarado com Bolsonaro (é bolsonarista/gosta de Bolsonaro/gostaria que ele vencesse as eleições de 2022), realizados pela Fundação Perseu Abramo em julho de 2022, no período final da pré-campanha eleitoral – cuja amostra pode ser visualizada no Quadro 1. O banco de dados em toda sua totalidade foi cedido pela instituição para a realização da pesquisa aqui proposta. Por meio desse montante de dados qualitativos espera-se compreender a raiz desta persistente adesão e alinhamento político, talvez ideológico.

Quadro 1 - Distribuição amostral dos grupos focais por gênero, idade e renda:

<b>Gênero</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>RFM até 2 s.m.</b>	<b>RFM de 2 a 5 s.m.</b>
	<b>18 a 24</b>	<b>1 GF</b>	<b>1 GF</b>
<b>Masculino</b>	<b>36 a 50</b>	<b>1 GF</b>	<b>1 GF</b>
	<b>18 a 24</b>	<b>1 GF</b>	<b>1 GF</b>
<b>Feminino</b>	<b>36 a 50</b>	<b>1 GF</b>	<b>1 GF</b>
<b>Total</b>		<b>8 Grupos Focais - em média 8 pessoas por grupo</b>	

A abundância de pesquisas qualitativas com base em grupos focais e entrevistas em profundidade reflete a relevância dessas metodologias do ponto de vista teórico e científico, no campo da ciência política das ciências sociais no geral. Em relação aos grupos focais, a

literatura aponta que desde as décadas de 1980 e 90 houve uma reemergência do uso da técnica em contexto acadêmico na pesquisa social, como apontado por Stewart e Shamdasani (2015), Krueger e Casey (2015) e Cyr (2019). A metodologia de coleta permite “um rigor maior na condução e acompanhamento do processo de desenvolvimento da investigação” (GONDIM, 2003, P. 155), insights sobre o comportamento dos entrevistados (Krueger e Casey, 2015) e permitem explorar tópicos em profundidade, com identificação de seus aspectos específicos, ensejos e problemas (STEWART e SHAMDASANI, 2015, p.115).

Autores e autoras evidenciam que a criação de um ambiente confortável, muitas vezes por meio da formação de grupos homogêneos (compostos por pessoas de perfil semelhante), permite “um ambiente mais propício à avaliação crítica dos posicionamentos internos” (GONDIM, 2003, p.157), que os participantes se sintam livres para dar suas opiniões sem julgamentos (KRUEGER e CASEY, 2015, p.30), além de propiciar um “ambiente seguro para compartilhar ideias e perspectivas em temas delicados” (CYR, 2019, p.7), ainda que determinados aprofundamentos sobre o pensamento de cada um dos indivíduos seja mais propício em outra abordagem – a de entrevistas individuais semiestruturadas (LEECH, 2002; Boni e Quaresma, 2005). No momento, a consulta ao material, disponibilizado em arquivos de vídeo e áudio com o detalhamento sobre os integrantes dos grupos, está sendo assistido e analisado constantemente em busca das linhas que irão estrutura a Tese, e não se descarta o uso de softwares de análise qualitativa após o Exame de Qualificação – para aplicar o método de Key-Word-In-Context, ou KWIC (Stewart e Shamdasani, 2015) ou a CAQDAS, Computer-Assisted Qualitative Data Analysis (CYR, 2019, p. 120).

#### **4. ANÁLISES PRELIMINARES E PRÓXIMOS PASSOS**

Preliminarmente, identificou-se que o consumo de informação dos bolsonaristas define fortemente sua identidade. Há uma forte tendência em consumir somente conteúdo considerado crível e confiável, o que exclui meios tradicionais de comunicação como a TV Globo e órgãos de imprensa como a Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão. Há forte coesão narrativa, pouco permeável a qualquer conteúdo que não seja bolsonarista. Esse fato molda boa parte da visão de mundo acerca de temas conjunturais, como, por exemplo, as crises econômica e sanitária, e a avaliação do PT.

Além da esfera comunicacional, detectamos por meio de relatos dos grupos que há um forte nível de articulação territorial do bolsonarismo, propiciado por conta da atuação de igrejas evangélicas – pastores organizam encontros semanais nas casas de fiéis, em pequenos

grupos, chamados de “células”, onde se discute não somente religião, mas valores, conjuntura e política – neste último caso, pela temporalidade das entrevistas, pré-eleitorais, o conteúdo político abordado nas células era a defesa de Bolsonaro e de políticos alinhados a ele.

Para além da leitura que os entrevistados possuem sobre temas conjunturais, que parecem ser bons pontos de partida para compreender a razão deste persistente apoio a Jair Bolsonaro, a pesquisa também abordou temas capazes de revelar predisposições de longo prazo que alinham bolsonaristas entre si e à sua liderança. Mulheres bolsonaristas tenderam a expressar seu antipetismo baseado em uma sensação de que aqueles que consideram ser os valores do PT e da esquerda, as ofende: a ‘ideologia de gênero’, a defesa do aborto legal, do casamento civil homossexual, do ensino sexual nas escolas, e demais pautas que seriam contrárias aos valores ditos ‘da família’. Ressalta-se que tal dinâmica precisa ser melhor compreendida. Por outro lado, os homens, mobilizaram a pauta da corrupção e de uma suposta “quebra do país” pelo PT, além do que consideram “defesa de bandidos”. Entre eles, ainda, uma forte rejeição a movimentos LGBTQIA+, feministas, ONGs, compreendidos como ‘vitimistas’ e ‘financiados’ por objetivos ‘escusos’, além de uma percepção diferente dos outros pólos em relação às desigualdades: concordam que há desigualdade de renda no Brasil, mas não concordam com a importância de desigualdades de gênero e raça no Brasil.

A Tese encontra-se na etapa de análise dos dados e aprofundamento das leituras sobre eles, com o objetivo de verificar quais fenômenos estes revelam e quais possuem maior ineditismo ou revelam dinâmicas pertinentes aos problemas de pesquisa – objetivando a redação de dois capítulos concentrados na discussão empírica para a qualificação (prevista para o começo de 2025). Espera-se também, no próximo período, atualizar a revisão bibliográfica com as constantes publicações sobre o fenômeno bolsonarista e visitar a literatura sobre o voto no Rio de Janeiro, com olhar dedicado aos fenômenos próprios deste território – a direita carioca, o conservadorismo popular no Rio de Janeiro, fenômenos históricos como o Lacerdismo, entre outros. A apresentação do trabalho até aqui no Seminário Discente, assim como em momentos anteriores (como na disciplina Seminário de Tese), busca colocar em discussão as etapas e rumos da pesquisa com vias a coletar contribuições e pontos de vista sobre a Tese em construção, de modo a aperfeiçoá-la.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVRITZER, Leonardo e CARVALHO, Priscilla Delgado de. Antipolítica, Autoritarismo e Violência. In: PEREIRA, Jordana Dias; CHAVES, Rogério. (Org.). **As faces de um país em disputa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Fundação Rosa Luxemburgo, 2022, pp. 125-136

BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. **A direita ainda mora do outro lado da cidade: da direita janista/malufista à direita bolsonarista**. In: Encontro Anual da ANPOCS, nº 44, 2020

\_\_\_\_\_. **The Military as a Moderating Power: a study with Bolsonaro supporters in São Paulo**. Brasíliana: Journal for Brazilian Studies, v. 10, p. 368-381, 2022.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

CAMPBELL, Angus et. al. **The American Voter**. Chicago, University of Chicago Press, 1960

CYR, Jennifer. **Focus Groups for the Social Science Researcher**. Cambridge, Cambridge University Press, 2019.

DATAFOLHA. **Intenção de voto para presidente – 2º turno**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/12/13/br2006-2t.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Intenção de voto para presidente**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/12/13/br2010-2t.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Intenção de voto para presidente da República, 2º turno - véspera, PO813776, 24 e 25/10/2014**. São Paulo, 2014. Disponível em: <[https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/10/25/intencao\\_de\\_voto\\_presidente-vespera\\_2\\_turno.pdf](https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/10/25/intencao_de_voto_presidente-vespera_2_turno.pdf)>

\_\_\_\_\_. **Avaliação da presidente Dilma Rousseff. PO813815. 04 e 05/08/2015**. São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/08/06/avaliacao\\_dilma\\_agosto\\_2015.pdf](https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/08/06/avaliacao_dilma_agosto_2015.pdf)>

\_\_\_\_\_. **Avaliação do Presidente Michel Temer. PO813906. 07 e 08/12/2016**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/12/9ffc4ad9818828f87f2908fcf52e9ce08aee7daa.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Eleições 2018, Tabelas**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/28/b469d4556e176c907bad8986ccc459cd.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Intenção de voto para presidente 2022 – 2º turno**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/10/31/intencao-de-voto-presidente-2-turno.pdf>>

[f?\\_ga=2.210576988.814599982.1706494248-1642394059.1679339950&\\_mather=e92f95ac1b3a6ba5>](https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf)

DOWNS, Anthony. **Uma Teoria Econômica da Democracia**. 1ª reimpressão. São Paulo, Edusp, 2013

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Cultura política: percepções e valores da população brasileira não-polarizada**. São Paulo, 2022.

\_\_\_\_\_. **Cultura Política: Percepções E Valores Da Sociedade Brasileira: O Que Pensam Segmentos Alinhados Ao Lulismo, Bolsonarismo E Não-Polarizados** (no prelo). São Paulo, 2022.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia [online]. Ribeirão Preto, 2002, v. 12, n. 24 [Acessado 1 Novembro 2022] , pp. 149-161.

KALIL, Isabela Oliveira et. al. **Quem São e No Que Acreditam Os Eleitores De Jair Bolsonaro**. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf> (Acesso em 01 de novembro de 2022)

KINZO, Maria D'Alva Gil. **The 1989 Presidential Election: Electoral Behaviour in a Brazilian City**. Journal of Latin American Studies, Cambridge, v. 25, p. 313-330, 1993.

KRUEGER & CASEY M. **Focus groups: A practical guide for applied research**. 5ª edição. Thousand Oaks, California: Sage; 2015

LEECH, Beth. **Symposium: Interview Methods in Political Science**. IN: **PS: Political Science and Politic** vol. 35 nº4, Cambridge, Cambridge University Press, 2002, pp. 663 - 664

LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

LIMONGI, F.; GUARNIERI, F. H. E. . **A base e os partidos: as eleições presidenciais no Brasil pós redemocratização**. Novos Estudos CEBRAP (Impresso), v. 99, p. 5-24, 2014.

LIMONGI, F.; MESQUITA, Lara. **Estratégia Partidaria e Preferências dos Eleitores. As eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004**. Novos Estudos. CEBRAP, v. 81, p. 49-67, 2008

MENEGUELLO, Rachel. **Opinião pública em um governo de risco e contrassenso**. In: Fabio Kerche, Leonardo Avritzer, Marjorie Marona. (Org.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1ed.São Paulo: Editora Autêntica, 2021, p. 300-315.

MESSENBERG, Débora. **A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros**. Sociedade e Estado, v. 32, p. 621-648, 2017.

METTENHEIM, Kurt Von. **The Brazilian Voter: Mass Politics in Democratic Transition 1974-1986**. Pittsburgh e Londres. University of Pittsburgh Press, 1995

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: Esther Solano Gallego. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-26.

MILLER, Warren E.; SHANKS, J Merrill. **The new American voter**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1996

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

NIEMI, Richard G. e WEISBERG, Herbert F. - **Controversies in Voting Behavior**. 2a edição. Washington D.C., Congressional Quarterly Inc., 1984

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Trump and the Populist Authoritarian Parties: The Silent Revolution in Reverse**. Perspectives on Politics, 15(2), 2017

NORRIS, Pippa. **A tese da "nova clivagem" e a base social do apoio à direita radical**. Opinião Pública [online]. 2005, v. 11, n. 1, pp. 1-32.

PAULA, Carolina de et. al. **Bolsonarism in Brazil: National Qualitative Study, June 2021**. Rio de Janeiro, Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública, 2021. Disponível em: <<https://iree.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Bolsonarism-in-Brazil-1.pdf>> (Acesso em 01 de novembro de 2022)

PIERUCCI, Antônio Flávio. **A direita mora do outro lado da cidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 4, n.10, p. 46-64, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ciladas da Diferença**. Tempo Social; São Paulo, 2: 7-33, 1990

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. . **Da esperança ao Ódio: Juventude, Política e Pobreza do Lulismo ao Bolsonarismo**. CADERNOS IHU IDÉIAS (UNISINOS), v. 16, p. 3-15, 2018.

RENNO, L. R.. **Teoria da Cultura Política: Vícios e Virtudes**. BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 45, n.1, p. 71-93, 1998.

REPROVAÇÃO A GOVERNO BOLSONARO FICA ESTÁVEL, EM 53%. Datafolha, São Paulo, 17 de dezembro de 2021. Opinião e sociedade. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/12/reprovacao-a-governo-bolsonaro-fica-estavel-em-53.shtml>> (Acesso em 01 de novembro de 2022)

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther . **Bolsonarismo em Crise?** São Paulo, Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2020. Disponível em: <<https://brasil.fes.de/detalhe/bolsonarismo-em-crise>> (Acesso em 01 de novembro de 2022)

\_\_\_\_\_. **A ascensão de Bolsonaro e as classes populares**. In: Leonardo Avritzer; Fábio Kerche; Marjorie Marona. (Org.). **Governo Bolsonaro - Retrocesso Democrático e Degradação Política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 21-34.

ROCHA, CAMILA. **Eleitorado paulistano: continuidades e descontinuidades entre 1947 e 2004**. PARANÁ ELEITORAL, v. 1, p. 249-278, 2013.

\_\_\_\_\_. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?. In: Esther Solano. (Org.). **O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, v. 1, p. 15-20.

\_\_\_\_\_. **-Imposto é Roubo!- A Formação de um Contrapúblico Ultraliberal e os Protestos Pró- Impeachment de Dilma Rousseff**. DADOS - REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 62, p. e20190076, 2019.

SINGER, André. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Lulismo: Reforma Gradual e Pacto Conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Lulismo em crise. Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **A reativação da direita no Brasil**. Opinião Pública [online]. 2021, v. 27, n. 3, 2021, pp. 705-729

\_\_\_\_\_. **Regime autocrático e viés fascista: um roteiro exploratório**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2022, n. 116, pp. 53-82

\_\_\_\_\_. Democracia relativa e corrupção como elementos do conservadorismo atual. In: Jordana Dias Pereira; Rogério Chaves. (Org.). **As faces de um país em disputa: percepções e valores na cultura política brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Fundação Rosa Luxemburgo, 2022, v. 1, p. 105-113

\_\_\_\_\_. **Lula's Return**. New Left Review. 2023. n. 139. 5-32

SOLANO, Esther. **Crise da Democracia e extremismos de direita**. Análise. Friedrich Ebert Stiftung Brasil, nº 42. São Paulo: 2018

STEWART, David W. e SHAMDASANI, Prem N. **Focus Groups – Theory and Practice**. 3ª edição( Third Edition). USA: Sage. Los Angeles; 2015

STREECK, Wolfgang. 2017. **The return of the repressed**. New Left Review, n. 104

TATAGIBA, LUCIANA et. al.. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: VELASCO E CRUZ, Sebastião. KAYSEL, Andre e CODAS, Gustavo. (Org.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 197-213.

TELLES, Helcimara de Souza. **Corrupção, Legitimidade Democrática e Protestos: o Boom da Direita na Política Nacional?**. Interesse Nacional, v. 8, p. 28-46, 2015.

VEIGA, Luciana Fernandes. Cultura Política: Valores Democráticos, preferências políticas, autoritarismo e nova direita. In: Avritzer, Leonardo; Kerche, Fábio; Marona, Marjorie. (Org.). **Governo Bolsonaro: Retrocesso Democrático e Degradação Política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 391-408.

WATTENBERG, Martin P. **The Rise of Candidate-centered politics**. Cambridge e  
Londres, Harvard University Press, 1991